

O ESPECTRO

NUMERO 46 — II ANNO 1889

SEMENARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes 260

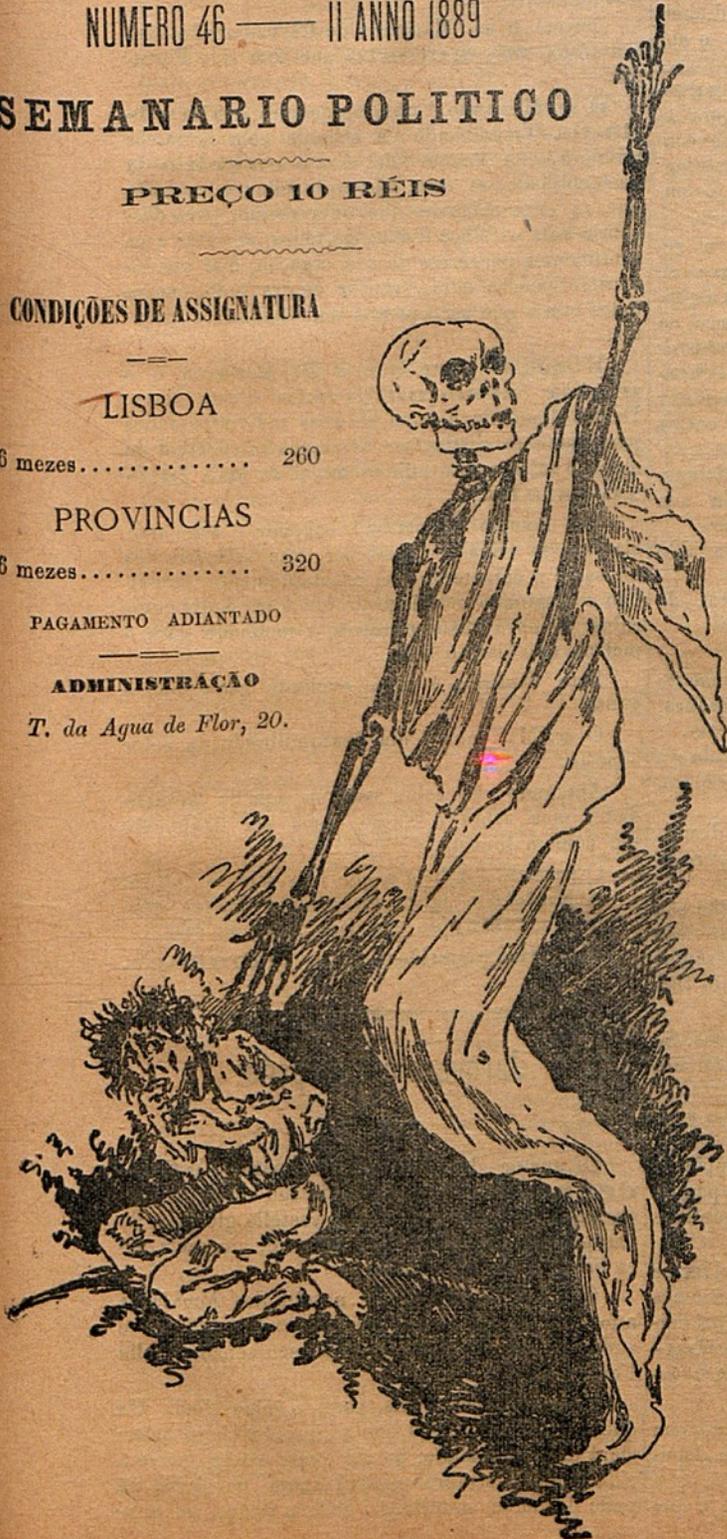
PROVINCIAS

6 mezes 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20.



AOS

TRIBUNAES

A moralidade está ainda de lucto. E' preciso dar satisfação inteira ao paiz.

Não basta expulsar do poder os dois **ma-raus**. Não basta enterrar aquellas duas **po-dridões**, que foram, durante tres annos, como dois focos da peor epidemia.

E' preciso que se faça luz e clara como con-vem a todos, inclusivamente ao proprio partido progressista.

A vida dos dois homens agora escorraçados do poder, foi sempre entretecida das maiores traficancias e delapidações.

Desde que em Portugal ha systema constitucio-nal, é a primeira vez que o ministro da fazenda é atirado pela janella fóra, como um **bandido**, a quem se não quer dar outro castigo.

A opposição pediu a cabeça do ministro; a for-ça da verdade entregou-lh'a. O miseravel lá está pendurado na encurilhada, onde a deshoras se re-une a **companhia do Olho Vivo**, que elle representava no poder.

Está ali para castigo de **futuros la-drões**.

Mas pensar que o castigo se approxima sequer da gravidade do crime, é desconhecer completa-mente a época e sobretudo o homem.

Enforcar o ministro e deixar o homem livre é ficar com a porta aberta a proezas ainda mais collosaes.

Todos conhecemos a que enorme decadencia **isto** chegou.

Se o ministro enforcado tem dentro da pelle um **espertalhão**—e todos sabem quem é o sr. Ma-rianno—não lhe será difficil nem talvez demorada a **resurreição**. Depende dos estragos que a **sua companhia** fizer na fortuna que elle **lhe doou**.

Isto é que é absolutamente indispensavel evi-tar.

O sr. Marianno não deve tornar a ser ministro em Portugal.

E' forçoso deixar na historia esta lição, ou se-remos justamente considerada a ultima das na-ções.

E para isso não é necessario praticar nem a menor sombra de violencia. Basta ouvir os conse-lhos dos apaixonados da razão e da justiça. E es-tes dizem que quanto mais elevada é a posição de um homem, maior é a sua **responsabili-dade**, maior a obrigação de dar aos seus conci-dadãos exemplos de moralidade, de honra, de res-peito pelo direito, pela propriedade alheia.

Não é preciso violencias, repetimos.

Basta cumprir um dever: basta entregar o sr.

Marianno aos tribunaes. Elles que indaguem com a imparcialidade da justiça quantos centos de contos desappareceram no pagamento da divida do tabaco e sabão.

*
*
*

Sabe-se com a maxima clareza que dos cofres publicos desappareceram 449 contos. O proprio rei o confessou.

Sabe-se com a maxima clareza que esse dinheiro não podia sahir dos cofres, sem lei que o autorisasse.

Sabe-se com a maxima clareza que não existia lei nenhuma especial para isso; e que ao contrario, a lei que podia ser invocada, recommendava procedimentos exactamente oppostos, porque limitava em vez de alargar o emprego dos dinheiros dos tabacos.

Sabe-se do mesmo modo que o relator do projecto, onde veem as palavras que se invocam, para cobrir a ladroeira, diz a toda a gente, que nem elle, nem ninguem soube nunca na commissão de fazenda que as palavras *contas de transição e pagamentos legais*, **subrectiosamente** mettidas na lei, eram para pagar uma divida que tinha 56 annos, havendo outras mais antigas e mais sagradas.

Sabe-se que os credores d'essa divida apenas receberam 48 por cento da importancia que sahiu do thesouro, que foram os 449 contos.

Em que sorvedouros foram engulidos os 225 contos que faltam?

Que o digam os tribunaes. Os elementos do processo são clarissimos.

As provas são como punhos.

Pode-se quasi que acompanhar o andamento dos 449 contos, desde que sahiram do thesouro, até ás algibeiras dos sujeitos que os apanharam.

Apesar de terem já passado 5 mezes sobre a **ladroeira**, ha nas proximidades do thesouro, pégadas muito conhecidas.

Vae d'ali um carreiro de passos, muito direito como um fuso a certos e determinados pontos.

A justiça não tem mais que seguir-os.

Nunca houve processo mais simples. Não são apenas indicios — e aqui ha-os esmagadores — são testemunhas de vista, que podem jurar aos santos evangelhos que **viram** sahir o dinheiro do thesouro, e quem o levou.

E' forçoso entregar este caso aos tribunaes. Se é preciso um inquerito parlamentar, proceda-se a elle, logo que se abram as côrtes.

E' do interesse de todos que o negocio se apure.

A lei da responsabilidade ministerial impõe-se hoje com tamanha força, que ninguem é capaz de resistir á opinião publica que a exige urgentissimamente.

O partido progressista, senão quer dissolver-se como uma associação nefasta — e reconhecemos que isto seria uma desgraça — deve ser o primeiro interessado em **apurar nos tribunaes** toda a verdade com relação a esta questão.

—Mas o Marianno n'este caso seria um homem perdido— diziam na Arcada uns poucos de deputados.

—E o que é melhor, perguntamos nós, é que

se perca o partido, ou que soffra o criminoso o castigo do seu attentado?

Não é leal o correligionario que pensa d'aquelle modo.

Se a proeza dos 449 contos não fôr entregue aos tribunaes, a impunidade servirá como sempre, para alentar os maraus que se sentirem animados dos mesmos instinctos. E, francamente, Portugal já não está em circumstancias de passar por igual calamidade.

Porque o sr. Marianno de Carvalho não é só o ministro mais **nefasto** que tem tido Portugal.

O sr. Marianno é uma verdadeira **calamidade**. Trabalhando de accordo com os nossos inimigos, este homem fatal será o **coveiro** da nacionalidade, se esta não aproveitar a occasião que as circumstancias lhe offereceram, para descobrir ante os olhos ávidos de todos, os actos e os sentimentos perversos do seu coração, que distilla constantemente odio e rancor contra tudo, contra todos que o não servem nos seus damnados intentos.

E' preciso notar que o sr. Marianno é o **maior desequilibrado** d'esta terra. Dentro d'aquelle homem ha duas individualidades perfeitamente distinctas: a pessoa intellectual do elevado talento, e o sujeito moral do mais **baixo estofo**.

O homem superior sabendo ver com clareza os fins e combinar com efficacia os meios; e o character reles, constantemente propellido e dominado pelo jogo de todos os sentimentos ruins. Sempre mais propenso e inclinado para o mal do que para o bem.

Este **dualismo** é hoje evidente para toda a gente.

O sr. Marianno é um desequilibrado da peor especie.

Actuando não sobre esta ou aquella parcialidade, mas sobre a Nação, deve ser fatalmente um homem funesto.

O passado diz bem o que elle será no futuro. A Nação tem agora um recurso. Talvez seja o unico contra o que elle pode fazer de real.

E' entregal-o aos tribunaes.

Jacques, o Estirpador

O auctor dos **burrissimos safar-danas** saltou para cima do seu castello ronqueiro—uão confundir com o castello glorioso do Luso—e embocando a tuba terrível, annuncia para breve o fim do mundo.

Quem o vê, brandindo no alto das *Novidades* a formidavel durindana, comprehende logo que o auctor da catastrophe não pôde ser senão aquelle Ferrabraz.

Preparemo-nos, pois, para o juizo final. Ha quem tenha esperança que a Providencia se amerciará da humanidade: ha até quem esteja convencido que o Ferrabraz andarà agora envolvido na pelle do heroe manchego. Demos tempo ao tem-

po. Como quer que seja, a hora do exterminio parece que soou.

A primeira victima—quem tal diria!—foi uma das maiores celebridades do partido regenerador, o sr. Hintze Ribeiro. Foi esborrachado n'um abrir e fechar de olhos.

Começou por ordenal-o de padre.

Que requinte de prazer. Dava-lhe assim ás carnes um certo sabor ecclesiastico, o que lhe trazia á idéa as preciosidades de Odivellas, as talhas do convento de Aviz, etc., etc.

Cada vez que Ferrabraz despede o guante é mais um homem morto.

O partido regenerador anda enfiado. Muitos suspeitam mesmo que a **aventasma** que apparece agora todas as noites no alto das *Novidades* é, nem mais nem menos, que **Jacques, o Estirpador** da regeneração.

Deus tenha compaixão d'aquelle partido.

Amen.

A crise e a sua explicação

Anda toda a gente intrigada e sem saber combinar estes dois factos: a intelligencia do ex-ministro da fazenda e a sua sahida do ministerio, na occasião em que toda a gente séria lhe prega na cara o rotulo de ladrão; e o rapazio lhe grita na rua:

—**Que é d'ella a outra meta-de,** isto é, onde estão os 225 contos de luvas que o pagamento dos 449 contos deixou a *negociadões?*

Porque não escolheu este homem outra occasião?

O Navarro, esse mostra-se **muito** mais **alho** do que elle. Já ha muito que o Navarro desejava sahir. O seu fim estava conseguido: **encher-se.**

Está que nem um odre: que ficava lá fazendo? Mal a si e ao paiz. A si, porque a sua presença irritava cada vez mais a opposição, que tudo trazia á balha. Sahindo serenava a atmospheria. Ao paiz, porque a poeira que precisava deitar nos olhos do publico, era poeira de ouro. E o ouro, como todos sabem, está a 4\$500 réis a libra.

A questão era, pois, de occasião.

Não lh'a podiam offerecer melhor.

O sr. Marianno abria uma brecha enorme no baluarte ministerial, e elle, muito surrateiro, aproveitou a occasião e esgueirando-se encolhido ao lado do sr. Marianno.

—Quasi que nem dão por mim, disse elle a alguém.

A coisa preparou-se-lhe tão bem, que apesar do processo Hersent, elle sente ainda fumaças de dizer:

—Cahi de pé.

A sahida do sr. Navarro está explicada. A do sr. Marianno entra por outra ordem de rasões.

Vamos a ellas e em poucas palavras.

«Uma pequena faisca desprezada levantou muitas vezes um grande incendio.»

Offerecemos ao sr. Marianno esta lição de philosophia que aprendemos n'um humilde exemplo de grammatica.

Tem dois sentidos. Vamos explicar-lhe o primeiro.

O segundo... ficará para occasião opportuna.

Como quem não quer a coisa, dizia S. P. n'um artigo litterario da *Democracia*, que se tinham vendido na semana anterior umas lettras, assignadas em Paris por Sua Magestade a Rainha.

As lettras eram da importancia de 225 contos, e a noticia fôra atirada ao publico poucas horas antes de estourar a bomba dos 449 contos.

Ora, a *Democracia* é o orgão do sr. José Elias. O sr. José Elias, que se não existisse seria preciso inventar, como dizia o Fontes, é um intimo do sr. Barjona; o sr. Barjonn, como todos sabem, era outro intimo do sr. Marianno.

De sorte que a noticia, de intimo em intimo, chegára á chronica da *Democracia*.

Acontecia, porém, que as taes lettras se diziam vendidas na semana anterior, quando a tramoia dos 449 contos estava liquidada desde outubro do anno passado. O proposito de ferir e calumniar o Paço era, pois, manifesto.

Já por diferentes vezes, o antigo pamphelario do largo de S. Roque deixara a garra de fóra, fazendo apparecer certas noticias de sensação. A indignação do Paço chegava ao ponto de saturação. Cá fóra, a medida estava cheia; qualquer gotinha a faria transbordar, quanto mais o tonel dos 449 contos.

Pouco depois, annunciava-se a crise e o ex-ministro da fazenda, depois de se fazer de mil côres, dava com os barrinhos n'agua.

—A boas horas, disse-lhe *petit Mores*, no seu ineffavel sorriso.

E apontou-lhe, para o consolar, uma montanha de ouro, que reluzia como o sol ardente da California; cujos raios entravam pela alma dentro do antigo Midas.

Os novos ministros

Para as obras publicas, a que pertence o corpo de engenheiros civis, foi nomeado um juiz da Boa Hora!

Para a marinha foi nomeado um engenheiro civil!

Diz-se que o sr. ministro da guerra, que ficou para não sahir com os dois, será substituido por um padre; e para o ministerio dos negocios ecclesiasticos irá provavelmente um general.

Mais padre menos padre mais general menos general, ninguem tira á recomposição o feito carnavalesco proprio do tempo e da situação.

Verdadeiras cataplasmas, os dois novos ministros mal podem impedir o trabalho de decomposição do governo.

Em vez de desabar tudo hoje, desabará tu lo antes de abril.

Quem perdeu foi o paiz, que vê por mais um mez continuar a acção deleteria da nefasta e administração esbanjadora do governo progressista.

O paiz tem os olhos na opposição.

A moralidade na applicação dos dinheiros publicos, e portanto em todos os actos, que quasi todos importam dinheiro, impõe-se como uma força irresistivel.

A opposição não pôde acceitar o beneficio do

inventario, todos os desperdícios cabem aos que lhe legaram a mais corrupta administração que o paiz tem tido desde o principio da monarchia.

Porque nem no novo nem no velho regimen ha memoria de coisa semelhante.

As repartições foram atulhadas de empregados inuteis.

Chegou-se a pedir a repartições estranhas se emprestavam casa para lá metter uns poucos de empregados, que não cabiam na propria!

Houve de tudo n'esta ultima invasão das secretarias. Alguns dos novos chegam a não saber lêr nem escrever.

Os ministros demissionarios não quizeram sahir sem dar a posse á multidão invasora. Porque assim suppunham elles, o paiz não terá outro remedio senão pagar-lhe.

O paiz é que é a victima. A victima és tu, o povo, que tens de trabalhar como um mouro para alimentar tamanha orgia.

Pode a opposição manter este estado de coisas?

Não valeria a pena mudar a situação. A consciencia publica está profundamente abalada.

E' preciso que o escalpello desça fundo, e que arranque da administração a podridão que gangrena.

N'este, e em todos os ramos de administração publica, que quasi tudo está podre e perdido.

Citaremos outro ramo: a *agricultura*. Aqui o que ha a fazer é deitar tudo abaixo.

O pobre paiz gasta hoje com a agricultura official talvez mais de 1:000 contos. Pois tudo quanto o ministro inventou para dar cabo d'este dinheiro, não augmentará nem um bago de trigo, nem um bago de milho, nem um bago de uva, nem um gadelhino de lã.

N'uma palavra, a **opinião do paiz agricola** é que *está tudo peor do que estava*.

E os factos estão-n'o confirmando.

A agricultura foi apenas um pretexto para crear novas legiões de empregados inuteis.

Ficou peor do que estava, porque tem de espremer nos cofres publicos mais 1:000 contos para pagar todas estas loucuras.

E é tudo assim. O paiz tem os olhos na opposição, repetimos. A sua proxima tarefa será ardua, cruel até, mas gloriosa.

A immundicie, o sr. Fernando e a nova companhia do gaz

Lisboa está abaixo da mais reles aldeia sertaneja. O que se está vendo com os trabalhos da nova companhia do gaz excede tudo quanto se podia imaginar.

A rua do Oiro, está não só intransitavel pela enorme quantidade de terra e pedras accumuladas ali; mas está, acima de tudo, immunda e perigosa para a saude.

Hontem o fetido do sulphidrico e outros gazes deleterios quasi que suffocavam os transeuntes. Os carros de despejo teem estado a descoberto, expdo a baixa a alguma desoladora epidemia.

E' espantoso.

Em que pensa a camara?

Em que mata esta marafona o tempo, que lhe não chega para vêr os fructos da sua obra de immundicie.

Dar-se-ha caso que o parlapatão do presidente, que quasi todas as tardes ali vae metter o nariz, goste d'este vergonhoso estado de coisas?

Só a pao, palavra de honra.

Em qualquer outra terra, cuja principal rua estivesse n'aquellas circumstancias, não só trabalhariam ali com todo o empenho, o maior numero possivel de trabalhadores, mas aproveitariam a noite para activar a conclusão dos trabalhos.

Em Lisboa, o sr. Palha ri-se d'estas lembranças e a passo de boi é que manda continuar a obra.

Foi á ineptia d'este presidente que a cidade deve a privação da grandiosa ponte da Graça; é á mesma *competencia* que deve a immundicie em que Lisboa ultimamente anda afogada:

—Sr. Palha, o primeiro alfacinha que apanhar, faça-nos este favor, ponha-lhe uma albarda em cima e **monte-o**. Repare bem: **monte-o**. E no rabicho da albarda mande pendurar um papel com este dizer:

Palha e Burro... o symbolo augusto de Lisboa.

A batalha das flôres

Já está annunciada a *batalha das flôres*.

Um jornal, que se pôde chamar com razão o *jornal das damas*, attenta a delicadeza com que sabe tratar de certos assumptos respectivos a *agulhas*, etc., etc., já annunciou o grande acontecimento.

Ora, nós sempre ouvimos dizer: *cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*.

Em Portugal ha damas e ha flôres; tão bonitas como as de França ou de Italia; mas não é uso cá na terra atirarem-se umas ás outras em espectáculo nas ruas. E porque não é uso, nem o virá a ser tão cedo, é que a batalha do anno passado, por mais ardor que sentissem os combatentes, correu fria.

Talvez nos enganassemos, mas aquelle entusiasmo pareceu-nos postigo. A tarde estava chuvosa, é verdade, e a chuva é o que ha de melhor para arrefecer os calores; mas ainda assim.

Que os srs. Moser ou marquez da Foz... vão para a Avenida atirar rebuçados de gemma de ovos comprehende-se, mas as outras pessoas...

Não é este o nosso entrudo.

Quem tem senso commum, isto é, uma outra pessoa, notou o anno passado que a commissão dos batalhadores fosse pedir á Rainha para tomar parte no espectáculo, que havia divertil-os a elles e ao publico.

Não ha nada mais democratico, isso é verdade; *mas*.

Emfim, tem um *mas* este caso.

Que a commissão dos batalhadores, se a ha este anno, e resolvida a egual pedido, pense no *mas*.